

O ESTADO NOVO E A POLITICA COLONIAL PORTUGUESA EM ANGOLA NO SÉCULO XX: entre concepções e práticas coloniais.

Isley Karine Freitas da Conceição¹

INTRODUÇÃO

A atual Republica de Angola, capital Luanda, é composta por dezoito províncias dentre as quais a Kwanza-Sul, capital Sumbe, com uma área de 55 600 Km² e uma população em torno de 700.000 habitantes.² Nesta província encontra-se localizado o *município Libolo* numa área de 9.000 km² e uma população em torno de 125 mil habitantes. A sua sede é *Vila do Calulo*, na qual ainda hoje é verificável vestígios físicos e simbólicos do tempo do colonialismo. O Libolo é limitado ao Norte pelos municípios de Cambambe e Cacuso, a Leste pelo município de Mussende, a Sul pelo município da Quibala, e a Oeste pelo município da Quiçama. Em termos administrativos é constituído pelas comunas de Calulo, Cabuta, Munenga e Quissongo.³

A região do Libolo é uma das peças estratégicas no grande tabuleiro dos processos relativos às ações coloniais com os seus derivados levados a efeito pelo Estado Português, em território angolano, desde o seu emergir no século XV até a década de 1970 do século XX. Em igual medida, vale salientar-se que esta importância estratégica foi, também, relevante na fase da guerra civil pós-colonial ocorrida entre os anos de 1970 e 2002, porque a região serviu como posto avançado de defesa articulada pelo *Movimento Popular de Libertação de Angola* (MPLA) sob a direção do líder Agostinho Neto contra a progressão das forças militares articuladas pelo movimento denominado de *União Nacional pela Independência Total de Angola* (UNITA) sob a direção do líder Jonas Savimbi.⁴

A historicidade contemporânea dos territórios dos continentes africano e asiático têm uma profunda relação com a segunda fase do colonialismo moderno praticado por países do ocidente europeu entre o final do séculos XIX e os anos de 1970 do século XX. No que se refere ao africano, vale sublinhar que a partir da década de 1880, depois que os governos da Inglaterra,

¹ A produção do presente artigo contou com a orientação do Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira, professor Associado III do Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão e pesquisador nos Grupos de Pesquisa – O Mundo Atlântico e suas Diásporas (GMAD) na Universidade Federal do Maranhão, Grupo de Estudos e Pesquisa Escravidão e Abolição na Amazônia (GEPEAM/DEHIS-UFPA), Grupo de Pesquisa ÁFRICA DO SÉCULO XX (UNEB/DEDC II-BAHIA) e do grupo de pesquisadores do Projeto Libolo.

² http://www.angola.or.jp/index.php/about_angola/history. Consultada em 26 de março de 2021.

³ FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães. “Projeto Libolo – Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguísticos-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-culturais. *Retratos do Libolo*. Vol.2. 1ª Edição, Lisboa/PT: Editora Chiado, 2016b

⁴ WHELER, Douglas & PÉLISSIER, René. História de Angola. Lisboa:Tinta da China, 2013.

França, Bélgica, Alemanha, Holanda e Portugal dividiram, entre si, o seu território na Conferência de Berlim (1884/1885), eles instalaram, nele, inúmeros empreendimentos econômicos - agrícolas e industriais - sustentados à base da exploração da força de trabalho de africanos e, também, fomentaram a emigração organizada e espontânea de alguns de seus nacionais para lá.⁵

No caso de Portugal, a historiografia diz tratar-se do Terceiro Império Português com destaque para o território dos atuais estado nacionais africanos - Angola e Moçambique, em decorrência da perda de sua principal colônia - o Brasil, em 1822, após a sua independência.⁶ Acerca da expansão portuguesa no ultramar Valentim Alexandre sublinha que,

De há alguns anos a esta parte, a historiografia tem vindo a marcar a existência de três impérios distintos na expansão ultramarina portuguesa: o do Oriente, que, formado nos inícios de Quinhentos, declina rapidamente nos finais do mesmo século; o do Brasil, que arranca por essa mesma altura, tendo o seu auge no século XVIII e o seu fim no primeiro quartel do seguinte; e o africano, que abre dificilmente caminho no decurso de Oitocentos, ganha consistência territorial nas primeiras décadas de Novecentos e termina com a descolonização, em 1975.⁷

Em relação a Portugal, não é demais lembrar que a política colonial foi intensificada no tempo do Estado Novo (1926 – 1974), sendo a sua maior autoridade e representação o senhor António de Oliveira Salazar e a sua ideologia correspondente – *luso-tropicalismo* por sua eficácia na articulação entre o discurso nacionalista e a glorificação do “povo português”.⁸

Basil Davidson ao refletir a respeito de respostas dadas pelas classes dirigentes de Portugal, da Inglaterra, da França e de outros países à pergunta - o que é o colonialismo? –

⁵ BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África Negra*. São Paulo: Perspectiva, 2004. HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*, São Paulo: Selo Negro/Summus Editorial, 2004. CASTELO, Claudia. In: *ANAIS do VIII Congresso Luso-AfroBrasileiro de Ciências Sociais: A Questão Social no Novo Milênio*. URL <http://www.ces.uc.pt/LAB2004>.

⁶ ALEXANDRE, Valentim. *OS SENTIDOS DO IMPÉRIO – questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime Português*. Porto/PT: Edições Afrontamento. 1993. ALEXANDRE, Valentim. A questão colonial no Portugal oitocentista. In: *Nova História da Expansão portuguesa*. Direção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques. O Império Africano (1825 – 1890), Coordenação de Valentim Alexandre e Jill Dias. Lisboa, PT: Editorial Estampa, 1998. BIRMINGHAM, David. *A África Central até 1870*. Luanda, ENDIPU/UEE. 1992. FRY, Peter. *Moçambique: ensaios*, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

⁷ ALEXANDRE, Valentim. (Org.) *O IMPÉRIO AFRICANO: séculos XIX e XX*. Lisboa/PT: Edições Colibri. 2000. P. 12.

⁸ CASTELO, Claudia. “O MODO PORTUGUÊS DE ESTAR NO MUNDO”: o ludo-tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933 – 1961). Biblioteca das Ciências do Homem. Porto-PT. Edições Afrontamento. 1999.

salienta que elas foram diferentes conforme o auditório, pois, nos parlamentos e na praça pública, os seus discursos para o povo eram, todos eles, baseados na defesa da “glória nacional” e na “missão civilizadora”. Em relação o colonialismo disseram-lhe, é a “dádiva da Europa” aos selvagens, o “sacrifício da Europa pela Humanidade”, o dever da Europa para com as pobres populações negras que não possuíam civilização própria.⁹

No entanto, a si próprias, nos bastidores, nos gabinetes ou noutros locais onde se sentiam seguras e “em família”, as classes dirigentes da Europa, incluindo a classe dirigente de Portugal, não falavam de “missão civilizadora”, mas de meios para obter lucros. *Não de um lucro nacional* – sublinhe-se – mas de um lucro pessoal, de um lucro de grupo, de um lucro “privilegiado”.⁹

Não é demais sublinhar que, em geral, os colonialismos são baseados em três ações combinadas de conquista, ou seja, do *território*, do *corpo* e da *mente* do colonizado. Os dois primeiros, isto é, o território e o corpo são conquistados por meio de guerras e políticas coloniais do território, e a mente por meio da subalternização cultural dos colonizados pela aplicação de “missões civilizadoras”, tal como foi feito por meio da evangelização cristã católica e protestante no continente africano. O resultado do procedimento colonial, em curto, médio e ou longo prazo, nos aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais para os colonizados sempre é o pior possível porque se trata de alterações em seus modos de viver e se compreender. Desse modo, o projeto de pesquisa no qual se insere este plano de plano é importante porque pode apontar estratégias a virem ser traduzidas em políticas públicas com impactos na qualidade de vida de sujeitos de sociedades atlânticas que têm uma relação histórica com o colonialismo moderno, tal como a brasileira e a angolana.

Nesse sentido, se compreende que este plano de trabalho - **O ESTADO NOVO E A POLITICA COLONIAL PORTUGUESA EM ANGOLA NO SÉCULO XX: entre concepções e práticas coloniais**, é de suma relevância para o desenvolvimento do projeto de investigação - **MEMÓRIAS DE EMIGRANTES PORTUGUESES DOS TEMPOS COLONIAIS: o Libolo no contexto do colonialismo português em Angola/África**, ao se considerar que o tempo do colonialismo português, em África, foi desenvolvido sob a égide das políticas coloniais levadas a efeito pelos principais protagonistas da economia colonial

⁹ DAVIDSON, Basil. PREFÁCIO. In: ALEXANDRE, Valentim. **Origens do colonialismo português moderno (1822 – 1891)**. Coleção Portugal no século XIX, Vol. III. 1ª edição, Lisboa: Sá da Costa Editora. 1979. p.17. pp. 17 a 26). Grifo nosso. ⁹ Id. Ibid. p. 18. Grifo nosso.

concebida sob o Estado Novo português (1926 – 1974), tendo o seu principal protagonista representante Antonio de Oliveira Salazar.

Em seu desenvolvimento, o colonialismo produziu um conjunto de documentos oficiais elaborados por governadores, chefes de campanhas militares dentre outros funcionários públicos que tratavam da relação entre a Metrópole e as colônias. Em grande medida, estes têm sido as referências para a historiografia acadêmica, principalmente, a de cunho colonial; mas, outros sujeitos como emigrantes portugueses e moradores nativos também têm as suas lembranças configuradas a partir do modo como foram inseridos no contexto e dinâmica do colonialismo português.¹⁰

A referência documental do projeto supracitado são fragmentos de memórias contidos em três relatos orais de emigrantes portugueses cujos pais vieram para Angola no início da década de 1950, do século XX, e de dois descendentes destes. Ao perguntarmos, em 2013, a D. Maria do Céu, que para Angola veio aos 15 anos por determinação de seu pai, se ela concordava com o argumentos de nativos que os portugueses emigrantes os exploravam. Ela respondeu que não porque se havia a exploração ela era feita pelo governo de Portugal porque era ele que controlava os preços dos produtos exportados para lá.¹¹

Este fragmento de memória é sugestivo de que o colonialismo português se processou em diferentes escalas sociais e que nem todos os portugueses, envolvidos nele, se encontravam na mesma posição de poder e prestígio. Em outras palavras, que os colonos emigrados, também, se encontravam envolvidos por relações de subalternidade, muito embora, eles, em relação aos nativos do lugar considerados “indígenas” se sentissem os “civilizados”.

Não é demais sublinhar que a política colonial portuguesa sob a égide do Estado Novo foi animada pelo discurso ideológico formulado e desenvolvido pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freire (2010) no livro “O Mundo que o Português criou”, ou seja, o *Lusotropicalismo* qualificando de modo bastante positivo das aspectos das relações e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas. Em vista disso, é imperativo que se estude o Estado Novo (1926 – 1974) português em sua interface com a política colonial e, em seu contexto, o movimento migratório de nacionais para as colônias africanas, com destaque para Angola.

¹⁰ PEREIRA, Josenildo de J. MINHAS MEMÓRIAS DA ÁFRICA: um misto de encantos e desencantos. In: SILVA, Tatiana Raquel Reis & BARBOSA, Viviane de Oliveira (Orgs.) África e Afro-Brasil em debate. São Luís-Ma: Editora da UEMA, 2019.

¹¹ Relato colhido em 30 de julho de 2013.

Nesse sentido, se supõe que ação colonial portuguesa levada a cabo por protagonistas do Estado Novo, em Portugal, deixou marcas profundas na mentalidade e na vida material de descendentes de emigrantes portugueses que moraram e nos que ainda moram no município do Libolo, província do Kwanza Sul, Angola, manifesta na relação dialética entre a saudade e a tristeza porque este município não se caracteriza mais pelo fausto dos tempos coloniais. No entanto, não demais se considerar que muitos deles foram movidos pela ideia de que Angola era um *el dourado* no qual eles fariam riquezas; mas, de concreto, tal qual os povos nativos, eles foram objetos da exploração econômica imposta pelas classes dominantes portuguesa por meio do Estado Novo.

OBJETIVOS

Tem-se como objetivo geral compreender a relação entre o Estado Novo (1926 – 1974) e as políticas coloniais portuguesas no território africano e, em seu contexto, as determinações do movimento migratório para as mesmas com destaque para Angola. Nas especificidades, qualificar os emigrantes portugueses quanto ao seu lugar de partida, às condições de viagem e aos novos modos de viver no município do Libolo, província do Kwanza Sul, Angola; bem como, analisar o perfil das relações sócio- econômicas e culturais estabelecidas entre os emigrantes portugueses e os nativos moradores do Libolo, província do Kwanza Sul, Angola.

METODOLOGIA

Por se tratar da materialidade do colonialismo português em África no contexto da expansão do capitalismo ocidental, este projeto foi articulado nos marcos teóricos do método histórico-crítico e dialético, pois conforme MARX,

[...] A produção de ideias, de representações, da consciência, está, diretamente, entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparecem como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são produtores de suas representações, de suas ideias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de

suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas¹²

Nesta perspectiva, a despeito de sua consciência ou não, é factível que a memória de emigrantes portugueses foi erigida sob as condições sócio históricas criadas pelas políticas coloniais portuguesas levadas à cabo pelo Estado Novo. Assim sendo, a memória tem uma centralidade nesta pesquisa.

No que se refere à memória, Jacques Le Goff salienta que a “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”¹³.

Afinal, como sublinha PIERRE NORA, a memória, em si, é constituída por meio da dialética da lembrança e do esquecimento.¹⁴ Assim sendo, portanto, no que tange à memória tendo em vista estes “perigos” da memória e que o *nacionalismo português* e o *lusotropicalismo* foram ideais chaves que orientaram a política colonial portuguesa do Estado Novo, mas, também, a migração de metropolitanos para Angola, considero que ideologia é um conceito chave para a leitura e análise dos textos constitutivos da historiografia do colonialismo português na África, assim como dos textos produzidos pela memória de emigrantes portugueses moradores do município Libolo, pois, de acordo com CHAÚÍ, ideologia:

[...] é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade), por ser o modo imediato e abstrato de manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do processo histórico.¹⁵

¹²MARX, Karl. *A ideologia Alemã*, São Paulo: Hucitec, 1985. p. 20

¹³ LE GOFF, Jacques. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1994, p. 423 ¹³¹³

¹⁴NORA, Pierre. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: a problemática dos lugares. In: Revista Projeto História.

¹⁵ CHAÚÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*, 7ª Edição, São Paulo: Cortez, 1997. P. 3

Nesta perspectiva EAGLETON, adverte que “a força do termo ideologia reside em sua capacidade de distinguir entre as lutas de poder que são até certo ponto centrais a toda uma forma de vida social e aquelas que não o são”.¹⁶

Então, para que melhor se compreenda as derivações do encontro entre portugueses e africanos, no território do Libolo, utilizo o conceito Cultura, segundo GEERTZ¹⁷, para o qual significa uma “teia de significados” que orienta as práticas sociais delimitando identidades. Desse modo, o conceito de identidade é, também, uma ferramenta útil no universo da leitura e análise a ser feita de textos dos relatos orais para esta pesquisa quanto a sua problemática. Para tanto, trabalha-se com a perspectiva proposta por Hall, segundo o qual as identidades são historicamente construídas e, portanto, fluidas, relacionais e políticas.¹⁸

Por fim, eu considero importante sublinhar que o processo de tessitura da narrativa, na qual (re)configuro o tema-problema desta investigação, será feito por meio do diálogo entre os argumentos da historiografia dos temas: *colonialismo português na África*; o Estado Novo em Portugal (1926 e 1974) a *emigração portuguesa* e os *fragmentos da memória de emigrantes portugueses* que moraram e os que ainda moram no Libolo; mas, também, em interface com as memórias de nativos deste município, acerca dos tempos coloniais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Valentim (Org.) *O IMPERIO AFRICANO: séculos XIX e XX*. Instituto de História Contemporânea/Univeersidade Nova Lisboa. 3ª Edição. Lisboa/PT: Edições Colibri. 2013.

_____. *OS SENTIDOS DO IMPERIO: questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime Português*. 1ª edição. Porto/PT: Edições Afrontamento. 1993.

AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) *Usos e abusos da História Oral*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1998.

APPIAH, kwame Anthony. *A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: CONTRAPONTO. 1997.

AGUALUSA José Eduardo. *Guerra i Pau a Angola*. Hall roteu. Português. traducción simultània. 2004.

AYO, Yvonne. *Eyewitness África*. Published in the United States by DorlingKindersley Publishing, Inc. 375 Hudson Street. New York, NY. 2000.

¹⁶ EAGLETON, TERRY. *Ideologia: uma introdução*. Tradução Luis C. Borges, Silvana Vieira. São Paulo: Boitempo/Unesp. 1997. P. 21

¹⁷ GEERTZ, Gliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC. 2008.

¹⁸ HALL. *Stuart*. *A identidade cultural na pós-modernidade*, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006.

- BIRMINGHAM, David. *A África Central até 1870*. Luanda, ENDIPU/UEE. 1992.
- _____. *A SHORT HISTORY OF MODERN ANGOLA*. EUA: Oxford University Press, 2015.
- BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África Negra*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BAKTHIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.
- CARDONEGA, Antonio de Oliveira de. *História Geral das Guerras angolanas - 1680*. Tomos I, II, III. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar. 1972.
- CASTELO, Claudia. A migração de metropolitanos para Angola e Moçambique (1945 – 1974). In: *ANAIS do VIII Congresso Luso-AfroBrasileiro de Ciências Sociais: A QUESTÃO SOCIAL NO NOVO MILENIO*. Coimbra (16, 17 e 18 de setembro de 2004). Coimbra-PT: CES, 2004. URL <http://www.ces.uc.pt/LAB2004>. Consultado no dia 26 de março de 2021.
- _____. “Apresentação: MEMÓRIAS COLONIAIS: praticas políticas e culturais entre a Europa e a África”. *Cadernos de Estudos Africanos* (On line), 9/10/2006, posto on line no dia 17 de dezembro de 2014, consultado o 26 de março de 2021. Editora: Centro de Estudos Internacionais. URL: <http://journals.openedition.org/cea/1195>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cea.1195>. Consultado no dia 26 de março de 2021.
- _____. “Migração ultramarina: contradições e constrangimentos”, *Ler História*, nº 56 (2009), pp 69-82. Consultado no dia 26 de março de 2021.
- Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto e Instituto de Investigação Científica Tropical (Coordenação). *O COLONIALISMO PORTUGUES: novos rumos da historiografia dos PALOP*. Coleção Estudos Africanos. Porto-PT: Edições Humuis, Lda. 2013.
- DELGADO, Ralph. *Ao Sul do Kuanza* (ocupação e aproveitamento do antigo reino de Benguela) VOL I e II. Lisboa. 1942.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*, 7² ED., SÃO PAULO: Cortez, 1997.
- EAGLETON, Terry *Ideologia: uma introdução*. Tradução Luis C. Borges, Silvana Vieira. São Paulo: Boitempo/Unesp. 1997.
- FERREIRA, M. de M. *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: CPDOC. Diadorim, FINEP. 1994.
- FREYRE, Gilberto. *O Mundo que o Português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. São Paulo: Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2010.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2. E.d. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães & OLIVEIRA, Marcia Santos Duarte de. (Orgs.). “Projeto Libolo – Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-culturais. Linguística,

História, Antropologia e Ensino no Kwanza-Sul, Angola. Vol. 1. 1ª Edição, Lisboa/PT: Editora Chiado, 2016a.

FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães. “Projeto Libolo – Município do Libolo, KwanzaSul, Angola: aspectos linguísticos-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-culturais. *Retratos do Libolo*. Vol.2. 1ª Edição, Lisboa/ PT: Editora Chiado, 2016b.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2. E.d. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GONÇALVES, António Custódio. *Tradição e Modernidade na (Re)Construção de Angola*. Biblioteca das Ciências dos Homens. Porto-PT: Edições Afrontamento, 2003.

HALL, Stuart. *DA DIASPORA: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 11ª edição. 2006.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra* (vol. I. II), Portugal: Publicações Europa - América, 1972.

LUANSI, Lukonde. ANGOLA: movimentos migratórios e estados pre-coloniais. Identidade nacional e autonomia regional. In: *ANAIS do International symposium Angola on the move: Transport Routes, Communication and History*, Berlim, 24-26 september 2003. [http://195.37.93.198/Angola/Papers/Luansi_\(29-03-04\).pdf](http://195.37.93.198/Angola/Papers/Luansi_(29-03-04).pdf). Consultado no dia 26 de março de 2021.

MARQUES, Jose Carlos & GÓIS, Pedro. *A evolução do sistema migratório lusófono: uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa*. *Revista Internacional em Língua Portuguesa* (on line), nº 24, Leiria-PT. 2011. http://icoline.ileiria.pt/bitstream/10400.8/1036/1/artigo_int_2012.pdf. Consultado dia 26 de março de 2021.

MENEZES, Solival. *MAMMA ANGOLA; sociedade e economia de um país nascente*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

NETO, Maria da Conceição. *Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX*. In: *Lusofonie*, nº 4, 1997. Lusotropicalisme: Ideologie, coloniales at identities nationale dans les mondes lusophones. Pp.327 – 357. URL: https://www.persee.fr/doc/luso_1257-02_1997_num_4_1_1105.

OYEBADE, Adebayo O. *Culture and Customs of Angola*. Greenwood Press. United State of America. 2007.

PANTOJA, Selma & THOMPSON, Estevam C. (Orgs.) *Em torno de Angola: narrativas, identidades e as conexões atlânticas*. São Paulo: Intermeios, 2014.

PEIXOTO, João. *A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA HOJE: o que sabemos e o que não sabemos*. SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações/ISEC – Instituto Superior de Economia e Gestão/Universidade Técnica de Lisboa-UTL. Nº 05, Lisboa-PT, 2012. URL: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/home.html>. Consultado no dia 26 de março de 2021.

PÉLISSIER, René. *História das Campanhas de Angola: resistência e revoltas (1845 – 1941)*. Vol. I e II. Lisboa: Editorial Estampa. 1997.

PEREIRA, Josenildo de J. MINHAS MEMÓRIAS DA ÁFRICA: um misto de encantos e desencantos. In: SILVA, Tatiana Raquel Reis & BARBOSA, Viviane de Oliveira (Orgs.) *África e Afro-Brasil em debate*. São Luís-Ma: Editora da UEMA, 2019.

PIRES, RUI PENA, CLAUDIA PEREIRA, JOANA AZEVEDO E ANA CRISTINA RIBEIRO (2014), *Emigração Portuguesa. Relatório estatístico 2014*, Lisboa, Observatório da Emigração e Rede Migra, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES_IUL, e DGACCP.

PROENÇA, Maria Candida. *A questão colonial no Parlamento*. Volume II (1910 – 1926). Coleção Parlamento. Lisboa-PT: Publicações Dom Quixote, 2008.

SILVA, Fortunato Carvalhido da. Representações do outro nas exposições coloniais: discursividade e reflexão museológica. *Tese apresentada à faculdade de letras doutoramento de museologia*. Fundação Universidade do Porto. 2012. Mimeo.

VENÂNCIO, Jose Carlos. *A DOMINAÇÃO COLONIAL: protagonismos e heranças*. Lisboa-PT: Editorial Estampa. 2005.

WHEELER, Douglas & PÉLISSIER, René. *História de Angola*. Lisboa: Tinta da China. 2013.

SITES:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Consultado em 26 de março de 2021.

http://www.angola.or.jp/index.php/about_angola/history. Consultado em 26 de março de 2021.